



FERNANDO DE AZEVEDO CLASSICISTA

FERNANDO DE AZEVEDO, A CLASSICIST

Adriane da Silva Duarte*

* asduarte@usp.br

Adriane da Silva Duarte é professora associada de Língua e Literatura Grega na Universidade de São Paulo e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (2019-2022).

RESUMO: Fernando de Azevedo (1894-1974) foi sociólogo, importante formulador e gestor de políticas educacionais, fundador e professor da Universidade de São Paulo. Embora sua contribuição para o campo da educação e do estudo da cultura nacional tenha sido bem avaliada, pouca atenção receberam os seus escritos sobre língua e literatura latina. Azevedo começou sua trajetória como professor de latim em Belo Horizonte e São Paulo e publicou ao menos quatro livros que refletem essa condição. Esse artigo busca apresentar e avaliar esse legado, focando, em especial, o ensaio “No tempo de Petrônio”, em *No tempo de Petrônio. Ensaios sobre a Antiguidade Latina* (1923), obra de maior repercussão nessa área de estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando de Azevedo; Petrônio; Cultura clássica

ABSTRACT: Fernando de Azevedo (1894-1974) was a sociologist, an important education policymaker, founder of and professor at the University of São Paulo. Although his contributions to the field of Brazilian cultural and education studies have been highly considered and praised, his writings on Latin language and literature remain practically unstudied, still deserving proper attention. Azevedo began his career as a Latin teacher in Belo Horizonte and São Paulo and published at least four books that reflect this interest and activity. This article aims at presenting and evaluating this legacy, particularly focusing on the study “In Petronius’ Time”, part of *No tempo de Petrônio. Ensaios sobre a Antiguidade Latina* (1923).

KEYWORDS: Fernando de Azevedo; Petronius; Classics

O apagamento da memória de nossos predecessores é prática corrente em nosso país. Na Universidade, não causa surpresa constatar que, por maior que tenha sido a contribuição de um docente para a formação de alunos e do debate crítico, tão logo este se aposente é posto de lado, até mesmo sua obra, pouco lida e referida, deixando as gerações seguintes na ignorância quanto ao que foi feito no passado. O preço a pagar por isso é alto, condenados que estamos a recomeçar do zero por ignorar o que foi feito antes.

Por isso, o que parecem pequenas iniciativas podem ter um grande impacto para a recuperação dessa memória. Há pouco tempo, sob auspícios da então diretora da FFLCH/USP, Maria Armanda Nascimento Arruda, instalaram-se painéis em homenagem aos Professores Eméritos da Faculdade no corredor central do prédio da Administração, em que a trajetória de cada um era sucintamente apresentada. Foi assim que “descobri”, um tanto envergonhada, já que sou formada em Ciências Sociais e docente da Faculdade há mais de 30 anos, que Fernando de Azevedo (1894-1974), além de sociólogo e educador de relevo, com importante papel na fundação da USP, tendo sido Diretor da Faculdade, e na aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, iniciou sua carreira como classicista, tendo lecionado e

publicado obras relacionadas à língua e literatura latina. No momento em que é lançado um livro que destaca sua trajetória como educador,¹ é oportuno resgatar sua contribuição para a formação das letras clássicas brasileiras, a maior das quais está na inclusão da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras no desenho da Universidade de São Paulo.

Embora as primeiras publicações de Fernando de Azevedo tenham sido dedicadas à cultura clássica e alguns dos títulos tenham circulado extensamente, não existe até o momento uma avaliação de sua obra como classicista. No levantamento exaustivo que Silva (2020, loc. 3761) fez da produção acadêmica sobre Fernando de Azevedo fica evidente o predomínio de trabalhos inscritos no campo da História da Educação, seguidos pelo da Educação – 42 e 28 respectivamente, entre teses, dissertações, livros, capítulos de livro e artigos, num universo de 97 obras. Em contraste, os associados a áreas de Letras somam apenas três casos, nenhum abordando diretamente a produção relacionada à Antiguidade. Se essa proporção é natural, uma vez que a atuação de Fernando de Azevedo na reforma e gestão da educação, na fundação da Universidade de São Paulo e na reflexão do papel da cultura no Brasil é central à sua biografia e permeia sua trajetória acadêmica, também é sugestivo o silêncio sobre

1. *Fernando de Azevedo: Em Releituras*, de José Cláudio Sooma Silva, Diana Vidal e Rachel Duarte Abdala, Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

essa produção inicial. Mais ainda quando se leva em consideração que um de seus livros, *No tempo de Petrônio. Ensaaios sobre a Antiguidade Latina*, teve várias reedições desde 1923, tendo sido traduzido para o espanhol e publicado na Argentina, e é ainda citado em trabalhos acadêmicos, notadamente sobre o *Satíricon*.²

Como outros nomes de sua geração, Fernando de Azevedo aprendeu latim no colégio, mas não um qualquer, uma vez que foi aluno dos jesuítas, tendo estudado no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo - RJ. Prosseguiu os estudos avançados, ainda entre os jesuítas, com cursos de filosofia, letras clássicas, língua e literatura grega e latina, de poética e retórica, no Noviciado de Campanha - MG.³ Em suas memórias, Azevedo avalia assim os seus progressos:

Ao cabo de três anos de estudos intensivos, em que já entrara com uma sólida base, já falava e escrevia o meu latim, lia grego (foi para os Diálogos de Platão que se voltaram minhas preferências), percorria com segurança a história da literatura das duas línguas clássicas, e, enveredando pela Análise Matemática e pela Introdução à Filosofia, a atração por esses tipos de estudos, matemáticos e filosóficos, particularmente a Lógica, parecia predominar à que exerciam sobre mim os estudos literários. (AZEVEDO, 1971, p. 26)

Quando se preparava para dar continuidade aos estudos superiores em Roma, uma crise de consciência o afastou da ordem religiosa. Após abandonar o noviciado, deu início a sua trajetória como professor, tendo atuado como substituto em várias disciplinas no Colégio São Luís, dos jesuítas, em Itu - SP; de latim, primeiramente no Ginásio do Estado em Belo Horizonte (1914-1916), depois, em São Paulo, no Ginásio Anglo-Brasileiro e na Escola Normal, mais tarde Escola Caetano de Campos, para a qual foi nomeado em 1920.

Essas experiências docentes lhe permitiram observar o funcionamento de diferentes modelos de escolas, religiosa, particular e pública, instigando seu lado reformista. Esse lado começa já em Minas Gerais, quando alertado que não esperasse efetivar-se por concurso na cadeira de latim, já que as nomeações se davam por indicação política. Ele então se bate pela introdução da cadeira de educação física, presta e é aprovado em concurso, mas é preterido por outro candidato que tinha padrinho influente. De fato, uma das medidas que toma quando instaura o Código da Educação do Distrito Federal (1928) é a admissão por concurso público. Fechada essa via, e também à da carreira diplomática, pelas mesmas razões, vem a São Paulo e se apresenta aos colégios com uma carta escrita em latim em que se oferecia para lecionar

2. Para uma lista das obras de Fernando de Azevedo sobre cultura clássica, consultar o Adendo ao final desse artigo. Após levantamento não exaustivo, verificou-se que Azevedo era citado na bibliografia de três dissertações de mestrado e uma tese de doutorado sobre o *Satíricon* defendidas entre 2015 e 2019.

3. Cf. Fernando de Azevedo: Biografia, no site da Academia Brasileira de Letras (<https://www.academia.org.br/academicos/fernando-de-azevedo/biografia>). Também Penna, M. L. (2010, p. 15).

a disciplina. Após um breve período dividindo-se entre aulas particulares para os alunos do Colégio de São Bento, que não precisava contratar professores externos por contar com os frades para a função, e no Anglo, ironicamente, acaba nomeado para a recém-criada cadeira de Latim e Literatura na Escola Normal, graças à indicação de um ex-aluno do internato de Itu. Em *Histórias de Minha Vida*, ele descreve assim essa experiência:

Foi de meus alunos de latim e literatura que me vieram as adesões mais entusiásticas. Não que, em minhas aulas, tratasse de outros assuntos, estranhos à cadeira, como seriam ideias de reformas estruturais e técnicas. Mas, minhas aulas de latim e literatura já eram dadas em tom, e num estilo e com métodos e processos, diferentes se não opostos aos que se praticavam habitualmente. Eram sempre exposições que podiam ser interrompidas por perguntas para esclarecimentos e sempre seguidas do diálogo entre professor e alunos. Cada um tinha o direito de manifestar suas opiniões, de defendê-las em discussão aberta e livre com o professor perante os demais alunos. Uma revolução que se operava, como se vê, não pela pré-dica de ideias novas, mas sua prática em aulas comuns, habituais. (AZEVEDO, 1971, p. 58)

Aos vinte e quatro anos, era um professor crítico dos velhos procedimentos.

Em Belo Horizonte e São Paulo, conciliou a atividade didática com o jornalismo, tendo colaborado com o *Correio Paulistano* (1917-1922) e *O Estado de São Paulo* (de forma mais intensa entre 1923 e 1926, mas esporadicamente até a década de 60), onde exerceu a crítica literária. Em *Histórias de Minha Vida*, refere-se a seu início no *Correio Paulistano* como “escrevinhador de notícias”, redigindo anúncios de casamento, aniversários, mortes (AZEVEDO, 1971, p. 64). Aos poucos ocupou-se da crítica de literatura e cultura, posição que manteve n’ *O Estado de São Paulo*. Nesse meio tempo, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de São Paulo (1918), mas nunca advogou.

Derivam dessa colaboração jornalística os ensaios de cultura clássica que integram os livros *No tempo de Petronio. Ensaios sobre a Antiguidade Latina* (1923) e *Jardins de Salústio: à margem da vida e dos livros* (1924); a sala de aula inspirou a antologia *Páginas latinas: pequena história da literatura romana pelos textos* (1927), em colaboração com Francisco Azzi, e *Pequeno Dicionário Latino-Português* (1944).⁴ As primeiras publicações podem ser tomadas como textos de “divulgação”, dirigidas a um público mais amplo, leitor dos jornais; as últimas são de natureza paradidática.

4. Na capa do *Pequeno dicionário* informa-se “organizado por um grupo de professores / revisto por Fernando de Azevedo”.

Coloquei aspas em divulgação porque talvez a expressão dê uma ideia distorcida da natureza dos livros. Em primeiro lugar porque os jornais no começo do século eram voltados para um público adulto e educado, o que facilmente se depreende das citações bibliográficas e em latim nos textos. Eram artigos longos, impressos em um tipo minúsculo e, não raro, continuavam em outra edição. Ou seja, tinham uma densidade que os textos jornalísticos hoje não têm. Além disso, Fernando de Azevedo torna-os relevantes ao conectar suas análises de literatura latina a temas que seriam centrais em seu pensamento pelas décadas seguintes, como o elogio do nacional na arte, a crítica à educação das elites, as desigualdades sociais. Ou seja, as colunas de jornal, depois transpostas aos livros, refletiam a personalidade do autor e introduziam precocemente as suas ideias. Também não se deve esquecer que dos anos vinte em diante e até meados do século XX, a nata da intelectualidade, como apontam Vidal e Faria Filho (2003), “se utilizava prioritariamente do jornal para a difusão de ideias e propostas”. Ao lado de Azevedo estavam Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Afrânio Peixoto, Monteiro Lobato, entre muitos outros.

Em suas memórias, Fernando de Azevedo, situa assim suas coletâneas de ensaios clássicos (1971, p. 62):

Durante cerca de quatro anos levei ao *Correio Paulistano* o meu artigo para ser publicado aos sábados. Eram, na sua maior parte, ensaios sobre antiguidade latina, publicados mais tarde em volume, no livro *No tempo de Petrônio*, e estudos de outra natureza, de história, educação e literatura, reproduzidos depois em volume, sob o título *Jardins de Salústio*. Esses ensaios e trabalhos, de vária ordem, publicados em tão grande destaque no *Correio Paulistano*, é que me lançaram no país, abrindo-me mais largas perspectivas para o magistério e o jornalismo e particularmente para a história e crítica literária e para as atividades reformadoras nos domínios da educação. (AZEVEDO, 1971, p. 62)

Anota também, em outro ponto de *História de minha Vida*, que o primeiro volume de ensaios foi organizado por insistência de Coelho Neto que pretendia lançá-lo como candidato à Academia Brasileira de Letras assim que houvesse oportunidade (AZEVEDO, 1971, p. 201) – Azevedo só foi ocupar cadeira na ABL em 1967. Inclusive o título, *No tempo de Petrônio*, foi sugestão do escritor maranhense.

A ESCRITA E OS ESCRITOS: UMA APRESENTAÇÃO DOS LIVROS LATINOS

Antes de passar aos livros, queria comentar a escrita de Fernando de Azevedo. A leitura de textos das décadas de

40 a 60 desse autor revelam um domínio total da língua e resultam muito desse “estilo desenvolvido na prática jornalística”. Como notam Vidal e Faria Filho (2003), as estratégias dessa modalidade de escrita permeiam a obra acadêmica de Azevedo, em que pontificam “repetições, polaridades, emissão de julgamentos e ironias, ainda que veladas”, recorrentes nesse discurso. Azevedo anota que sua função na composição de pequenas notas no *Correio Paulistano* exigiu “muito senso de medida no uso de adjetivos” (1971, p. 61). Os textos vão ficando cada vez mais claros e objetivos com o passar do tempo, mas no começo dos anos 20 são ainda carregados do beletrismo retórico do bacharel de direito e ex-seminarista. Apesar de contemporâneo dos artífices da Semana de Arte Moderna, dentre os quais Mário de Andrade e Oswald de Andrade estavam empenhados em renovar a língua, abraçando-a, Fernando de Azevedo parece ter passado ao largo do movimento. Nesse sentido é sintomático que não haja registro de que ele e o autor do *Macunaíma*, a quem ligavam tantos interesses comuns e que certamente frequentavam as mesmas livrarias entre outros ambientes, não tivessem maior interlocução (RUSSEF, 2005). Também não causa surpresa que Azevedo tenha dedicado seu *No tempo de Petrólio* a Coelho Neto, o “Príncipe dos prosadores brasileiros”, então já um passadista.

Como exemplo do que chamo de beletrismo desse Fernando de Azevedo latinista, dado ao uso abundante de adjetivos e de um léxico rebuscado, cito o retrato de uma dama da alta sociedade em um parágrafo de “Os elegantes no tempo de Augusto”, ensaio que consta de *No tempo de Petrólio*:

Dir-se-ia formosa matrona, ao encaminhar-se, com garbo senhoril, para a liteira ebúrnea, em que devesse ser carregada aos ombros possantes de seis lexicários núbios. No silêncio do bairro das Esquilias, em tarde estival, raramente teria surgido tamanha galanteza. Mas o que a senhores menos letrados parecera anacronismo, a minio dos lábios, a leve tintura das olheiras e a alvura artificial do rosto, de tal modo arrebicado, que a dama visivelmente se impunha nímia cautela por não o descompor com o *rictus* e contrações faciais ou com os excessos sudoríferos do exercício. (AZEVEDO, 1923, p. 241, com atualização ortográfica)

Não passe despercebido aqui o olhar mordaz e irônico de Azevedo ao parodiar a crônica social, matéria jornalística por excelência, em que pontificavam os elegantes, ou, como diríamos hoje, os socialites, transpondo-os à Roma de Augusto.

5. Apesar de o acervo de Fernando de Azevedo estar depositado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (<http://www.ieb.usp.br/fernando-de-azevedo/>), distando poucos passos da Faculdade de Letras, onde leciono, devido à pandemia de covid-19 infelizmente não consegui acesso direto a esse livro.

6. Francisco Azzi foi um advogado, professor de francês do Instituto de Educação de Casa Branca - SP, sua cidade natal. Desempenhou a função de Diretor Geral da Instrução Pública entre 1933 e 1934, sucedendo Fernando de Azevedo, a cujas reformas deu continuidade, após brevíssimo interregno de Sud Menucci. Os dois amigos vieram a se desentender por causa da Revolução Paulista de 1932, acusando Azzi a Azevedo de não ter se engajado diretamente na disputa (AZEVEDO, 1971, p. 240).

Páginas latinas: pequena história da literatura romana pelos textos (1927) é apresentada por Barreto, em alentada resenha de lançamento no *Estado de São Paulo*, como um compêndio em que passagens seletas da literatura latina, precedidos de uma exposição sucinta sobre suas origens e a história da língua e acompanhadas de notícias bibliográficas e notas e comentários, guiam a introdução dos alunos à matéria.⁵ Segundo Barreto, os “ilustres latinistas”, Fernando de Azevedo e Francisco Azzi⁶:

[...] partiram do princípio, que é exato, de que o processo demais gramatical e formalístico no ensino do latim só serve para mortificar o espírito, e que, portanto, o ensino da gramática, para não embrutecer as crianças sob um acervo inútil de esquemas, paradigmas, regras e exceções, tem de ser intuitivo e colhido flagrantemente nos textos que se estuda. (BARRETO, 1927, p. 3)

Nota-se aqui a conformidade com os preceitos que Azevedo defende ao propor a reforma do ensino de modo a estimular a reflexão e consciência no lugar da mera reprodução de modelos feitos.

No tempo de Petrônio. Ensaios sobre a Antiguidade Latina (1923) reúne nove capítulos independentes. Além do que dá nome ao livro e que, mais alentado, ocupa um terço de

sua extensão, tem-se “A ironia na eloquência latina”, “Os quatro grandes pensadores latinos (Lucrécio, Sêneca, Tácito, Marco Aurélio)”, “As mulheres de Virgílio”, “A educação entre os romanos”, “Uma lição de psicologia pela semântica latina”, “A concepção romana da beleza”, “O desterro de Ovídio” e, por fim, “Os elegantes no tempo de Augusto”.

São textos muito desiguais tanto na extensão quanto na profundidade, tendo de um lado o mais ambicioso “No tempo de Petrônio”, que o autor denomina “um estudo sobre Petrônio” até o exercício romanesco de reconstrução do exílio do poeta em “O desterro de Ovídio”: “Era Ovídio entre os Scythas. Ao lado de uma pilha de tabuinhas enceradas e um amontoado de rolos de pergaminho, ainda se via o papiro augusto, fino e brunido, que se diria ter palpitado aos bicos de câlamo nervoso e sob a torrente de lágrimas, com que o enodoara de borrões a desolada Fábria” (1923, p. 221). Os ensaios são de literatura e cultura e muito pouco se aventuram em tópicos de filologia – o que mais se aproxima é a tentativa de estabelecer a cadeia semântica e etimológica de termos ligados a pensar e saber, em “Uma lição de psicologia pela semântica latina”. Um exemplo, para dar uma ideia:

Ainda não notaram o parentesco de *seco*, cortar, separar e *scio*, saber? Pois o há, e íntimo, provindo da mesma raiz *sec-* os

verbos *seco* e *scio*, dos quais o primeiro marcou no latim a ação material de *cortar*, e o outro a *decisão*, no sentido intelectual e moral, e depois *saber*, que é *extremar, separar, ver as diferenças*. De fato, *scio* (como já o observara, entre outros, o grande Ritschl) tinha antigamente o sentido de *decidir* (*plebi-scitum*, decisão da plebe), sentido este que ficou atribuído mais especialmente ao incoativo *scisco*, que, no entanto, tem por vezes o sentido de *saber*, como *scio*, o de *decidir* (Pl. *Amph.*, V. 17). (AZEVEDO, 1923, p. 203, itálicos do autor)

Dá até para imaginar aqui o professor da Escola Normal se dirigindo aos seus alunos, com giz na mão e sobre a mesa as obras de Ritschl e as comédias de Plauto, que o filólogo alemão editara.⁷

Antes de fazer uma leitura mais detida do ensaio principal, apresento brevemente *Os Jardins de Salústio*, em que a matéria clássica está presente, mas não mais predomina. São 26 textos, que o autor denomina “coletânea de estudos críticos e literários, [...] artigos de colaboração, escritos no fio de impressões e leituras e de sugestões de fatos da semana” (AZEVEDO, 1924, p. 5), que se tornam “matéria de reflexão”. Mas, mesmo que o texto não trate diretamente da Antiguidade, há sempre um fio a puxar dali, normalmente a partir de menções a autores e obras, que contribuem para o argumento. Por exemplo,

em “A estética do feio”, Azevedo discorre sobre as ideias de Spencer sobre a correlação entre beleza física e moral e arremata com Ovídio:

Aí está porque Ovídio desejava, segundo o depoimento de Sêneca, que a pureza de traços e a perfeição fisionômica fossem quebradas sempre por um defeito que as tornasse picantes (*aiebat decertarem faciem esse, in qua aliquis noevos fuisset*, Senec. *Controv.* II 10.12). (AZEVEDO, 1924, p. 133)

Nesse sentido, os clássicos perpassam praticamente todo o livro, mas de temática propriamente clássica são menos de um quarto dos textos. Além do ensaio que dá nome à obra, que explora as contradições do historiador latino, há “Sonhadores e glorificadores”, que examina as características do lírico e do épico; “Poeira nas asas” e “O enterro dos coveiros”, que discute o lugar dos clássicos no mundo moderno, sobretudo enquanto modelos literários; “A amizade antiga”, sobre a arte do convívio entre os gregos, e “A ilusão da vontade”, sobre a ascese pagã e cristã.

Em relação a *No tempo de Petrônio*, é notável o distanciamento do universo clássico, quando não mesmo a crítica a ele. Como nota Alves (2004, p. 34), ali estão registradas “as primeiras iniciativas de Fernando de Azevedo em romper com a cultura clássica e com a filosofia que permearam

7. Friedrich Wilhelm Ritschl (1806-1976) foi estudioso da história da língua e da gramática latina. Note-se também a referência à passagem do *Anfitrião* 1069, ou seja, ato V, cena 1, v. 17, de Plauto: “*Erilis praeuertit metus; accurro, ut sciscam quid uelit...*”.

a sua formação intelectual, nos tempos do seminário, e com um tipo de humanismo no qual esta se fundamentou”, apontando a insuficiência daquelas e a “busca reflexiva de outros modelos”. Particularmente ilustrativo desse ponto é essa passagem de “Poeira nas asas”:

É preciso procurar outras fontes de inspiração. Não que a literatura antiga não forneça obras modelares pela sua simplicidade, concisão ática, frescura e limpidez de espírito. [...] À literatura clássica, pelo seu bom senso e equilíbrio, cabe mesmo, hoje mais do que nunca, uma função ortopédica e moderadora na formação do espírito, numa época em que o anseio da originalidade podem (*sic*) levar-nos a todos os artificialismos e extravagâncias... [...] o que, porém, já não lhes cabe é a função diretriz e plasmadora de que a têm incumbido as diversas correntes de renascimento clássico. (AZEVEDO, 1924, p. 53)

O autor, nesses livros, aproxima-se de alguns temas que lhe serão caros mais tarde, sobretudo no que diz respeito ao universo da educação. Segundo Alves (2004, p. 34), “Fernando de Azevedo via na cultura e na sociedade romana as primeiras alusões a um modo de vida que fosse um pouco mais pragmático, no sentido de articular a cultura transmitida de geração para geração a uma certa utilidade social, principalmente em relação ao aprimoramento da vida jurídica e da mentalidade psicológica da

população”. O ensaio “A educação entre os romanos” já aponta para algumas de suas preocupações posteriores. Encerra o texto frase que se poderia tornar um lema do Azevedo educador: “A teoria seguia a prática; não a precedia: baseava-se mesmo nela” (AZEVEDO, 1923, p. 195), que via como um antídoto aos excessos da contemplação grega.

A essa altura já é possível notar que Azevedo não tem de fato uma contribuição a dar aos estudos clássicos no Brasil, a não ser como divulgador. Interessa mais o exame desses textos inaugurais para reconstituir a sua trajetória intelectual, fundada nessa sua experiência enquanto professor de latim. Dentro dessa sua produção, contudo, pode-se destacar um texto, que figura ainda hoje na bibliografia de dissertações e teses na área. Trata-se do ensaio “No tempo de Petrônio”. Passo ao seu exame.

PETRÔNIO: “UM CONTEMPORÂNEO DO FUTURO”

A escolha do objeto em si já merece breve comentário. Embora Petrônio tenha sido lido e apreciado em circuito europeu a partir da segunda metade do XIX, especialmente entre os franceses, com que Azevedo estava bem familiarizado, no Brasil não teve a mesma acolhida. Testemunho de uma colega que se graduou em letras clássicas na Universidade de São Paulo na década

de 50, dá conta de que durante o curso não ouviu falar nem de Petrônio, nem de Fernando de Azevedo – acho particularmente relevante esse último fato porque o autor foi um dos fundadores da Instituição e lecionava na mesma Faculdade, tendo sido seu diretor na década anterior. Azevedo dedica o ensaio de mais fôlego em seu livro ao romancista latino porque, como ele deixa claro, Petrônio é para ele o anticlássico, na medida em que não sofre a influência helênica que terminou por apagar traços autóctones, originais, da literatura latina. Também os traços realistas, presentes no registro da elocução e dos costumes populares, interessam-lhe grandemente já antecipando a valorização que fará em seus trabalhos de maturidade da cultura nacional como fundamento da identidade de um país. Xavier, sobre a obra magna *A Cultura Brasileira*, observa:

Articulada à categoria nacional, a cultura é vista como o elemento que faz a ponte entre o universal e o nacional, como fonte de elaboração da consciência nacional. Aí, a educação é definida como sendo o próprio veículo da cultura e da civilização. (XAVIER, 1998)

Em linhas gerais, Azevedo segue as correntes críticas de seu tempo e concebe Petrônio como o “arbitro da elegância”, mencionado por Tácito (*Ann.* XXI, 18), frequentador

da corte de Nero. Assim o *Satiricon* seria um retrato corrosivo dessa Roma desregrada, e seu autor, um “pintor de costumes” (AZEVEDO, 1923, p. 14). Para Moreira (1994, p. 77), “*No tempo de Petrônio* já revela talento e sensibilidade sociológica para analisar uma época de decadência e perda de valores”. Uma longa citação sobre os hábitos peculiares de Crotona abre o ensaio e serve de fio condutor para a explanação sobre a decadência romana, no qual o autor se detém, aproveitando a ocasião para traçar um painel histórico. O *Satiricon* é “obra, sobre todas, interessante para o conhecimento dos costumes e das condições sociais dessa época” (AZEVEDO, 1923, p. 21), em especial por não se sujeitar à retórica imposta pelas escolas de declamação, que, segundo o autor, amesquinham o pensamento.

Em um segundo movimento, Azevedo (1923, p. 31) busca traçar a “psicologia de um elegante”, ou seja, resgatar os “valores ideativos e emotivos do escritor” postos de lado pelo “escalpelo do filólogo”, preocupado tão somente com a linguagem e o estilo. O autor denuncia como insuficiente a crítica voltada a “pindarizar ou deprimir”, abstendo-se de interpretar “a personalidade de um artista”. Assim, Azevedo toma lugar na crítica de base biográfica, bastante praticada e popular na primeira metade do século XX.

O que parece é que Azevedo não se contenta em examinar a letra, mas prefere concentrar-se nas ideias, deixando, já a partir dessa escolha, entrever o sociólogo sob a pele do classicista. Assim, Petrônio é um “semeador de ideias”, “que tanto sabia pintar ao vivo quadro de corrupção de seu tempo, como da sua pena deixava cair, com certo descuido elegante, as pérolas de fino quilate de sentenças rivais das de Sêneca e Publio Sirio.”⁸ (AZEVEDO, 1923, p. 33).

Até aqui, nada de especial. Há, contudo quatro seções desse ensaio que vale a pena ressaltar. Nelas antecipam-se as preocupações do autor com tópicos que marcarão sua trajetória acadêmica. Começamos por “O artista que via como pintor” e “Petrônio e o folclore latino”, em que Azevedo (1923, p. 64) destaca a presença de crenças e superstições latinas no *Satíricon*, já que “nenhum dos latinos até Petrônio se mostrou tão sensível ao encanto ingênuo da poesia popular, ao curioso interesse da ancianidade das lendas, que o povo se transmite de geração em geração por uma tradição oral, sem o auxílio e quase sempre, apesar da intervenção das classes cultas...”.

Exemplar é o destaque dado ao relato de um liberto de nome Nicerote no banquete de Trimalquião (PETRÔNIO, 62).⁹ O convidado conta como testemunhou a transformação de seu companheiro de estrada em lobo quando

atravessavam um cemitério à noite. Azevedo aponta a relevância da passagem para entender as configurações que a lenda assumiu no Brasil, aspecto que o interessa sobremaneira:

Esse estudo do folclore latino seria, como se vê, sobre interessante, utilíssimo, não somente para do conhecimento dos costumes e das crenças supersticiosas das populações itálicas remontarmos à reconstituição de sua mentalidade primitiva, pelos dados dos valores tradicionais que não soçobraram com a onda do pensamento helenizante, como também para, do confronto das crenças vernáculas daquela idade com as nossas, encontrarmos os fios pelos quais se ligam umas às outras. (AZEVEDO, 1923, p. 76)

Outro aspecto a que Azevedo dá destaque é a sensibilidade demonstrada por Petrônio às questões sociais. No tópico “As ideias socialistas de Petrônio”, o autor, ainda comentando o banquete de Trimalquião, contrasta a vasta riqueza da personagem com a penúria de alguns dos seus convidados, como Ganimedes, por exemplo, que se queixa de não ter ainda arrumado naquele dia nem um pedaço de pão, da carestia do trigo, da seca e da fome que a acompanha (PETRÔNIO, 44). A culpa, diz ele, é dos edis desonestos que se associam aos padeiros para manipular os preços.

8. Ator e compositor de mimos latino do século I a.C.. De sua obra restam apenas versos esparsos coletados como máximas para uso das escolas de retórica, *Sentenças*. Algumas são bem conhecidas como “os fins justificam os meios (*honestas turpitudinis est pro causa bona*)” ou “ninguém é herói para seu criado (*inferior rescit quicquid peccat superior*)”.

9. Azevedo (1923, p. 65) comete um lapso ao atribuir a narrativa a Encólpio.

A questão do pão lhe é cara. Para Azevedo (1923, p. 80), “o brado de Ganimedes, no festim de Trimalquião, é uma página viva dessa velha agitação social [que opõe os poderosos ao povo], que se tornou apenas orgânica e complexa”. Também causa revolta a negociata dos edis: “o povo é que sofre enquanto esses sanguessugas nadam na abundância” (AZEVEDO, 1923, p. 81).

Em *História de minha vida* (1971, p. 210), Azevedo recorda o efeito marcante que duas leituras realizadas após deixar o Seminário, de Marx e Durkheim, tiveram sobre ele: “aquelas sobre socialismo, e esta, sobre sociologia”. Como resultado, tornou-se “sob inspiração de Karl Marx um socialista, e sob outras influências – as de Durkheim, – sociólogo e um dos fundadores da Sociologia no Brasil” (AZEVEDO, 1971, p. 211). Mas, mais do que isso, recorda como a convivência com os estivadores no cais do porto, quando trabalhou para o Loide Brasileiro, ao tentar a vida na Capital Federal depois da decepção com o concurso para o Ginásio do Estado em Belo Horizonte, mais do que os livros, contribuiu para firmar suas convicções políticas. Era durante as refeições compartilhadas, ao dividir com os trabalhadores a mesa, que:

Eu percebia então, com maior clareza, a diferença de classes, - a riqueza enfiada e egoísta, da burguesia, e a pobreza

resignada e ainda quase sem protestos, da classe operária. E tornei-me, então, um socialista tão fiel às ideias políticas, quanto fiel aos princípios objetivos e métodos de uma ciência, como a Sociologia [...]. (AZEVEDO, 1971, p. 211)

Os restaurantes da zona portuária estão longe de evocar o banquete de Trimalquião, mas oferecem uma das raras oportunidades de encontro entre classes distintas. Não há como não notar que essas experiências, provavelmente de 1916, período que antecede a grande agitação no movimento operário, são determinantes na leitura de Petrônio. São visíveis especialmente no lamento pela inação popular. Ao comentar a frase de Ganimedes, “em casa, leões, na rua, raposas” (*Domi leones, foris vulpes*), anota:

E não é esse o grito desânimo que tem atravessado os séculos, tantas vezes repetido quantas sofre o povo sem revolta? Alastra-se um dia a miséria. O poder escorcha a pobreza, enquanto se despreocupam os grandes na fartura. E o povo não se rebela. O povo sofre. O povo tolera. (AZEVEDO, 1923, p. 85)

Segundo Cunha, essa verve socialista arrefece com o passar dos anos e, embora o *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova* (1932) ainda traga ecos dessa doutrina, eles constituem acenos para os educadores mais identificados com a esquerda, que o autor do artigo designa como

liberais igualitários – enquanto Fernando de Azevedo contaria entre os liberais elitistas, que conceberiam a educação nos seus níveis superiores como formadora da elite intelectual e política do país. Ambas correntes liberais se contrapõem aos conservadores, que reúnem católicos, fascistas e a grande burguesia.

Por fim, resta examinar “O ensino segundo Petrônio”, seção final de seu ensaio, em que o autor debate a forma como o escritor latino “censura os processos educativos de sua época e se eleva, pela exatidão dos conceitos, à compreensão da pedagogia moderna” (AZEVEDO, 1923, p. 91-92). Remetendo aos capítulos iniciais do *Satíricon*, Azevedo aponta a dissociação entre realidade e ensino como o principal problema da educação romana. Os jovens deviam discorrer sobre temas exóticos como “piratas acorrentados na costa, tiranos baixando decretos que levam os filhos a decapitar os próprios pais, recomendações de que, contra uma epidemia, três ou mais virgens sejam imoladas” (PETRÔNIO, 1), em discursos sem conteúdo, em que nada consta da sociedade em que vivem. Com isso, tornam-se idiotas e pedantes, presas de um exercício frívolo, calcado na repetição de modelos gastos.

Azevedo vê no *Satíricon* o retrato das escolas de seu tempo, cujo desenho ele vai se esforçar para mudar. Diz ele:

É no *Satíricon*, que se encontra, em página esquecida, a mais causticante condenação desse processo mnemotécnico de ensino que, ao em vez de fazer da escola um meio de *formação*, a desnatura num instrumento rotineiro de *deformação* do espírito. Aí é que se escarnece essa eloquência, que ora se esguicha, anêmica, em questiúnculas cerebrinas, ora jorra enfiada em borbotões de palavreado sonoro, em que a pobreza de ideias se disfarça: essa eloquência insincera – produto de *escolas de estufa*, em que ao contato de mestres empavonados, sem personalidade e sem visão larga, já naqueles tempos se entanguia e encarquilhava a árvore seivosa da mocidade feita para medrar livremente nos ambientes amplos, arejados pelas grandes ideias e batidos do sol da verdade e do sentimento. (AZEVEDO, 1923, p. 94-95)

Essa leitura, convencional por um lado, ao ressaltar a obra como resultado da biografia e do caráter do autor – aceitando o dado incerto de que se trate do cortesão neroniano mencionado por Tácito –, e tomá-la como registro de uma época corrompida, é também original, na medida em que pessoalíssima. Ao dar destaque à cultura popular nativa, ao sofrimento das camadas mais pobres da população e às mazelas da educação, fazendo de Petrônio o ponto de partida para reflexões sobre sua própria época, Azevedo nos apresenta um *Satíricon* vivo e

palpitante. Não é de se estranhar, portanto, que Azevedo (1923, p. 32) o veja como “um contemporâneo do futuro”.

PARA CONCLUIR

Os clássicos marcaram a trajetória intelectual de Fernando de Azevedo, que, no entanto, desenvolve um olhar crítico sobre a presença da cultura clássica na educação brasileira. Suas primeiras experiências enquanto docente e ensaísta estão ligadas à sua formação de classicista, decorrente do ensino recebido entre os jesuítas. Enveredar por esse caminho é uma opção lógica para quem, ao abdicar da carreira religiosa, tem como principal capital sua formação humanística. É assim que ele chega a São Paulo com uma carta de apresentação em latim, escrita de próprio punho, e bate às portas das escolas em busca de emprego. A sala de aula é transformadora dessa relação. Azevedo nota como o latim era impingido mecanicamente aos estudantes sem contribuir de fato para o papel que viriam a desempenhar na sociedade.

Antonio Candido (2016), em depoimento sobre Fernando de Azevedo, de quem foi assistente, ressalta que, a despeito de seu profundo conhecimento da cultura antiga, ele defendia como base do ensino um Humanismo integral ou científico, afeito às necessidades de um mundo em rápida modernização, e, como consequência,

desbancou os clássicos dos currículos escolares. Parece uma contradição, mas é decorrência da experiência didática e da leitura de Durkheim. Ao propor, contudo, que a Universidade de São Paulo se organizasse em torno da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, reservou um lugar para o grego e o latim, que, contudo, não mais voltou a contemplar.

ADENDO: OS LIVROS SOBRE CULTURA CLÁSSICA DE FERNANDO DE AZEVEDO

AZEVEDO, F. **No tempo de Petrônio. Ensaaios sobre a Antiguidade Latina.** São Paulo: Livraria do Globo; Irmão Marrano Editores, 1923. (3ª ed. revista e ampliada, SP: Melhoramentos, 1962.) [Tradução para o espanhol: **Petronio y su tempo: ensayos sobre la antiguidade latina.** Tradução Hector Fuad Miri. Buenos Aires: Claridad, 1934.]

_____. **Jardins de Salústio: à margem da vida e dos livros.** São Paulo: Livraria do Globo; Irmão Marrano Editores, 1924.

AZEVEDO, F. de; AZZI, F. **Páginas latinas: pequena história da literatura romana pelos textos.** SP: Melhoramentos, 1927.

VÁRIOS. **Pequeno Dicionário Latino-Português**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944 (8ª ed. 1957).

REFERÊNCIAS

ALVES, C. E. R. **Fernando de Azevedo: Na batalha do Humanismo**. Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista, UNESP – Campus de Marília, para a obtenção do título de Mestre em Educação, 2004, 32-36.

AZEVEDO, F. **No tempo de Petrônio. Ensaios sobre a Antiguidade Latina**. São Paulo: Livraria do Globo; Irmão Marrano Editores, 1923. (3ª ed. revista e ampliada, SP: Melhoramentos, 1962.)

_____. **Jardins de Salústio: à margem da vida e dos livros**. São Paulo: Livraria do Globo; Irmão Marrano Editores, 1924.

BARRETO, P. Bibliographia, **O Estado de São Paulo**, 23/07/1927, p. 3.

Cunha, L. A. Educação e classes sociais no manifesto de 32: perguntas sem respostas. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 20, 1-2, 132-150, 1994.

CANDIDO, A. Na Íntegra - Antonio Candido de Mello Souza - A importância de Fernando de Azevedo para educação Brasileira. Univesp, 2016 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wbFkMJM9sOs>. Consultado em 12/08/2021.

MOREIRA, M. L. P. Fernando de Azevedo. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 20, 1-2, 73-80, 1994.

PENNA, M. L. **Fernando de Azevedo**. Recife: Fundação Joaquim / Editora Massagana / MEC: 2010.

PETRÔNIO. **Satíricon**. Tradução e posfácio Cláudio Aquati. São Paulo: CosacNaify, 2008.

RUSSEF, I. A inteligência brasileira na virada de 1920/30: encontros e desencontros entre artistas e educadores. **Educar**, n. 26, 251-267, 2005.

SILVA, J. C. S.; VIDAL, D. G.; ABDALA, R. D. **Fernando de Azevedo em releituras. Sobre lutas travadas, investigações realizadas e documentos guardados**. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

VIDAL, D. G.; FARIA FILHO, L. M. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, 2003.

XAVIER, L. N. Retrato de corpo inteiro do Brasil: a cultura brasileira por Fernando de Azevedo. **Revista da Faculdade de Educação**, vol. 24, n.1, 1998.

Recebido em: 09-04-2021.

Aceito em: 10-08-2021.